

PROGRAMAÇÃO DA PRIMEIRA SEMANA DA MOSTRA

30/6 (TERÇA-FEIRA)

13h — “Amor Bandido” (Bruno Barreto, 1979, 95 min, 16 anos), seguido de bate-papo entre Cristina Aché e o diretor Bruno Barreto

16h45 — Aula Magna: “A verve feminina no cinema brasileiro”, com a diretora Beth Formaggini e as atrizes Betina Viany e Gilda Nomacce.

1/7 (QUARTA-FEIRA)

14h30 — “Guerra Conjugal” (Joaquim Pedro de Andrade, 1975, 93 min, 14 anos), com apresentação das atrizes Analu Prestes, Juliana Carneiro da Cunha e Cristina Aché.

18h — “O Homem do Pau Brasil” (Joaquim Pedro de Andrade, 1981, 107 min, 18 anos)

2/7 (QUINTA-FEIRA)

14h30 — “O Homem do Pau-Brasil” (1981, 107 min, 18 anos)

17h — “Contos Eróticos” (Roberto Santos, Roberto Palmari, Eduardo Escorel e Joaquim

03/07 (SEXTA-FEIRA)

13h — “As Deliciosas Traições do Amor” (Tereza

Trautman, Domingos de Oliveira e Phydias Barbosa, 1975, 89 min, 18 anos), com apresentação da sessão pelo diretor Phydias Barbosa, o ator Stephan Nercessian e a atriz Kátia D’ Angelo.

16h30 — “Nem os Bruxos Escapam/O Resgate” (Valdi Ercolani, 1975, 90 min, 18 anos), com bate-papo após a sessão entre o diretor Valdi Ercolani, o ator Bernardo Pimentel e Cristina Aché e o pesquisador Fábio Vellozo.

04/07 (SÁBADO)

13h15 — “Padre Cícero: os Milagres de Juazeiro” (Helder Martins, 1975, 118 min, 14 anos), com bate-papo após a sessão entre Cristina Aché, o fotógrafo Walter Carvalho e a crítica e radialista Ana Rodrigues.

17h — “Chuvas de Verão” (Cacá Diegues, 1978, 96 min, 16 anos), seguida de debate com o ator Carlos Gregório, o diretor Daniel Filho e o professor Sérgio Almeida.

12h — “A Batalha dos Guararapes” (Paulo Thiago, 1978, 156 min, 14 anos)



Amor Bandido



Vereda Tropical



Doces Poderes



Os Sete Gatinhos



Chuvas de Verão

“Sinto que essas mulheres todas que eu interpretei refletem tanto os diretores com quem trabalhei quanto aspectos meus. Essa é a beleza da atuação. Você vive alguém que não é você, mas empresta parte de si para aquela personagem”

Joaquim Pedro de Andrade teve um papel decisivo nessa formação?

Sem dúvida. Fiz três filmes com ele, vivi nove anos ao seu lado e tivemos dois filhos. Nossa casa era um lugar de encontro de pessoas que discutiam cultura, política e cinema brasileiro. Glauber Rocha, Leon Hirszman, Cacá Diegues, Arnaldo Jabor e tantos outros pas-

savam por lá. Era um ambiente muito rico intelectualmente.

Por que você se afastou da atuação?

Foram várias razões. Houve um período em que o cinema brasileiro passou por muitas transformações e surgiu uma estética mais ligada à televisão, um espaço em que eu nunca me encaixei

totalmente. Ao mesmo tempo, fui aprofundando meu interesse pelo teatro e, mais tarde, vivi uma experiência muito importante na França, trabalhando com o Théâtre du Soleil. Quando voltei ao Brasil, não me via entrando numa dinâmica de disputar espaço na televisão ou passar a vida tentando aprovar projetos em editais. Acabei encontrando outro cami-

nho artístico. Há uns quinze anos trabalho com tecidos artesanais, com shibori (técnica japonesa de tingimento). Isso acabou se tornando um meio de ganhar a vida e uma fonte enorme de realização pessoal. Construí uma vida muito feliz em torno desse trabalho.

Mas a vontade de atuar continua existindo?

Continua. Em determinado momento comecei até a me preparar para voltar. Procurei agentes, gravei material, comecei a me movimentar. Quando estava pronta para dar esse passo, veio a pandemia e interrompeu tudo. Agora, com essa mostra, essa vontade reapareceu com força. E hoje é uma vontade diferente. Não existe mais aquela preocupação com juventude ou aparência. Gostaria de interpretar mulheres da minha idade, personagens que tenham histórias interessantes para contar.

Ao rever seus filmes, chama atenção a quantidade de mulheres diferentes que você interpretou, todas com muita potência. Que imagem do feminino perpassa seu trabalho?

Sinto que essas mulheres todas que eu interpretei refletem tanto os diretores com quem trabalhei quanto aspectos meus. Essa é a beleza da atuação. Você vive alguém que não é você, mas empresta parte de si para aquela personagem. Ao mesmo tempo, recebe muito dela. Talvez essa diversidade tenha relação com uma característica minha. Sempre fui muito curiosa em relação às pessoas e às experiências humanas. Consigo transitar por universos muito diferentes sem dificuldade. Isso certamente aparece nessas personagens.

O que mais aprendeu trabalhando com cineastas de alto quilate como Cacá Diegues, Joaquim Pedro, Lúcia Murat, Neville d’Almeida, Bruno Barreto?

Aprendi observando. Muitas vezes percebia que estava diante de algo especial. O Bruno, por exemplo, tinha uma clareza impressionante sobre o filme que queria fazer. O Lauro Escorel, diretor de fotografia de “Amor Bandido”, trabalhava com um rigor técnico extraordinário. Também aprendi muito com atores veteranos. Elza Gomes, Paulo Gracindo e tantos outros eram verdadeiras escolas. Quando percebiam que você tinha potencial, ajudavam a empurrar seu trabalho para frente. Agora, com essa mostra, aos poucos vou entendendo o significado disso tudo. Existe uma frase que ouvi de uma professora, a Glorinha Beutenmüller, grande preparadora vocal, que nunca esqueci. Ela disse: “é preciso saber o próprio tamanho, nem maior nem menor”. Essa homenagem me permitiu olhar para minha trajetória com mais equilíbrio. Sem me colocar acima do que sou, mas também sem diminuir o que fiz. Afinal, construí uma carreira importante. Fiz 24 filmes. Confesso que nem eu tinha noção exata desse número.